

O USO DE APLICATIVOS NO CUIDADO DA SAÚDE DO PACIENTE

Eduarda Gabrieli Do Prado Nascimento - IFASC – gabrielieduarda690@gmail.com
Giovana Gomes de Almeida Silva – IFASC – giovanagomes1314@icloud.com
Jordana Gabriela G. O. Martins – IFASC – jordanamxrtins@gmail.com
Maria Júlia da Costa Silva – IFASC – mmariajuliadacosta@gmail.com
Naiana Barbosa Dinato – IFASC – naiana.dinato@gmail.com
Flávio Borges de Gouvêa Júnior – IFASC – flavioborgesjunior@hotmail.com

Resumo: O estudo aborda o impacto das tecnologias móveis na área da saúde, destacando seu papel na promoção da atenção, educação e prevenção em saúde. Por meio de uma revisão de literatura, foram analisadas as principais contribuições do mHealth, que utiliza dispositivos móveis para ampliar o acesso à informação, fortalecer a comunicação entre profissionais e pacientes e estimular o autocuidado. Observou-se que os aplicativos de saúde contribuem para práticas mais dinâmicas e participativas, favorecendo o monitoramento em tempo real e a adesão aos tratamentos. Contudo, o uso dessas ferramentas enfrenta desafios como desigualdade digital, altos custos de implementação, limitação tecnológica e questões éticas relacionadas à privacidade dos dados. Conclui-se que o mHealth representa um avanço significativo para o cuidado e a educação em saúde, desde que fundamentado em princípios científicos, éticos e humanizados, e apoiado por políticas públicas que promovam inclusão e segurança digital.

Palavras-chave: mHealth. Tecnologia móvel. Educação em saúde. Promoção da saúde. Inovação digital.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos em uma era de avanços tecnológicos, a qual diversas áreas sofrem o impacto, inclusive a área da saúde. O meio de utilização de tecnologias móveis, como smartphones e aplicativos, tem-se utilizado como estratégia crucial para as práticas de atenção, educação e promoção de saúde. O mHealth (saúde móvel), diz-se a respeito do uso de dispositivos móveis para serviços e informações de saúde, permitindo que a comunicação entre os profissionais para vários fatores, seja mais ampla e eficaz.

No contexto educacional, a integração de tais avanços tecnológicos, tem proporcionado diversos aprendizados, tornando o processo mais participativo. A área da saúde tem se beneficiado ao utilizar tais aplicativos e os recursos digitais, a qual tem sido um meio de forma clara e interativa,

onde contribui para o fortalecimento de ação preventiva e autocuidado. Tem como principal objetivo, analisar qual o papel e as principais contribuições de tal tecnologia para a promoção da saúde e para a educação em saúde onde destaca seus avanços e potencialidades.

Porém, apesar dos grandes avanços, existem vários desafios a qual são enfrentados, como barreira tecnológica, a limitação de acesso em regiões que tenha baixa renda, o grande custo de implementação, proteção de dados e questão ética em relação ao uso das ferramentas. Logo, é essencial avaliar a implementação de tais condições tecnológicas, garantindo que ao aplicar tenha um resultado em que irá beneficiar toda a população e que as práticas em saúde digital sejam alinhadas às melhores pesquisas científicas e princípios de equidade.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão de literatura, buscando reunir informações sobre o uso de aplicativos e tecnologias digitais na área da saúde. Foram pesquisados artigos em bases científicas que tratavam da promoção da saúde e da educação em saúde com o apoio de dispositivos móveis. A seleção foi feita a partir da leitura dos títulos, resumos e depois dos textos completos, escolhendo apenas aqueles que se relacionavam diretamente com o tema proposto. Depois da escolha, os estudos foram analisados de forma qualitativa, observando os objetivos, métodos e principais resultados apresentados por cada um, a fim de compreender como essas ferramentas têm sido utilizadas para melhorar o cuidado e o acesso à informação em saúde.

3. DESENVOLVIMENTO

A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no campo da saúde mudou como pensamos sobre cuidado, prevenção e educação em saúde. Com a chegada dos aplicativos móveis (Apps), uma nova era de conectividade, autonomia e democratização da informação começou, aproximando os pacientes de seus processos de autocuidado e profissionais de saúde. Conforme Marengo et al. (2022), as tecnologias móveis em saúde são um dos avanços mais significativos deste século, contando com mais de 7,9 bilhões de assinaturas móveis mundialmente em 2020, sendo 6 bilhões via smartphones. Essa informação demonstra como a saúde digital ultrapassou barreiras geográficas e socioeconômicas, mostrando-se uma ferramenta estratégica para monitoramento, diagnóstico e educação em saúde.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2011) define mHealth como o uso de tecnologias móveis para disponibilizar informações e serviços de saúde de forma segura e à distância. Essa

definição está intimamente ligada ao fortalecimento da educação em saúde, algo que permite compartilhar informações em tempo real entre pacientes e profissionais, o que reduz erros clínicos e promove uma comunicação mais eficiente (CHAVES et al., 2018).

Carvalho et al. (2018) salientam que, historicamente, a evolução da mHealth se acelerou com a mudança dos primeiros celulares dos anos 1980, que viraram aparelhos inteligentes, com várias funções e conexão total. Nobre, Andrade e Rodrigues (2016) descrevem essa transição como a transformação dos smartphones em um “controle remoto do dia a dia”, concentrando diversas funções em um só aparelho, incluindo gerenciamento de dados clínicos, adesão ao tratamento e educação digital em saúde.

O uso de apps de saúde mostrou resultados animadores, especialmente em casos de doenças crônicas. Arrais e Crotti (2015) afirmam que apps para automonitoramento de pacientes diabéticos ajudam no controle da glicemia e diminuem a mortalidade, contanto que exista o acompanhamento de profissionais. Para evitar o uso incorreto de dados ou diagnósticos automatizados sem base científica, é crucial unir tecnologia com supervisão humana.

Além dos aspectos práticos, é preciso entender as consequências éticas e sociais dessas inovações. De acordo com Marengo et al. (2022), o rápido progresso da mHealth levanta questões sobre privacidade de dados, regulamentação sanitária e desigualdade digital. Nem todos os usuários têm acesso justo às tecnologias, o que destaca a importância de políticas públicas que garantam a inclusão digital e a capacitação de profissionais qualificados para trabalhar com ferramentas digitais.

A mudança comportamental induzida por esses recursos é outro aspecto importante. Segundo Rocha et al. (2016), aplicativos que empregam teorias motivacionais, como a Teoria da Mudança do Comportamento, se mostraram eficientes na promoção de hábitos saudáveis. Esses aplicativos encorajam o usuário a se envolver ativamente no seu tratamento, reforçando a conexão com a equipe multidisciplinar e melhorando a adesão às práticas terapêuticas.

A tecnologia móvel tem um caráter educativo inegável. Oliveira e Santos (2018) ressaltam que os aplicativos de saúde expandem o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a disseminação de informações confiáveis e interativas. Assim, a tecnologia serve como um instrumento pedagógico, tornando o aprendizado constante mais fácil e unindo o saber científico à vida diária das pessoas.

Todavia, a utilidade dessas ferramentas reside na qualidade do conteúdo e no suporte científico. Chaves et al. (2018) chamam a atenção para o fato de que muitos aplicativos disponíveis

não têm uma base teórica, o que pode levar à difusão de informações erradas e prejudiciais. Desta forma, a validação e o acompanhamento profissional são cruciais para que a tecnologia realize sua função educativa e preventiva.

Em suma, os aplicativos móveis estão iniciando uma verdadeira revolução digital na educação e na promoção da saúde, mudando a interação entre ciência, tecnologia e o cuidado humano. Contudo, para que essa integração seja total, é fundamental que os avanços tecnológicos estejam de acordo com os princípios éticos, educacionais e humanizados da prática de saúde.

4. CONCLUSÃO

Com base na análise realizada, é possível concluir que o uso de tecnologias móveis na área da saúde representa um avanço significativo na forma como se promovem a atenção, a educação e a prevenção em saúde. Os aplicativos e dispositivos móveis, quando utilizados de maneira adequada, fortalecem a comunicação entre profissionais e pacientes, ampliam o acesso à informação e estimulam o autocuidado, contribuindo para práticas de saúde mais participativas, dinâmicas e eficazes.

Os resultados obtidos confirmam que o mHealth tem grande potencial para transformar a relação entre tecnologia e cuidado, permitindo o monitoramento em tempo real, a educação em saúde de forma interativa e a melhoria na adesão a tratamentos. Entretanto, também foi possível identificar desafios relevantes, como a desigualdade no acesso digital, limitações tecnológicas, altos custos de implementação e as preocupações éticas e de privacidade de dados, que ainda dificultam sua plena integração nos sistemas de saúde.

Dessa forma, para que as tecnologias móveis cumpram seu papel de maneira equitativa e eficiente, é indispensável investir em políticas públicas que promovam inclusão digital, segurança da informação e capacitação de profissionais. Além disso, o desenvolvimento e o uso desses recursos devem estar sempre fundamentados em evidências científicas e orientados por princípios éticos e humanizados. Assim, o mHealth se consolida não apenas como uma ferramenta tecnológica, mas como um importante aliado na promoção da saúde e na construção de uma sociedade mais informada e consciente sobre o cuidado com a própria vida.

5. REFERÊNCIAS

Arrais, R. F.; Crotti, P. L. R. Revisão: aplicativos para dispositivos móveis (“Apps”) na automonitorização em pacientes diabéticos. *Journal of Health Informatics*, São Paulo, v. 7, n. 4, 2015. Disponível em: <https://www.jhi.sbis.org.br/index.php/jhi-sbis/article/view/359>. Acesso em 13 de outubro.

SOUZA, M. A.; FONSECA, L. M. M.; LEITE, M. T. S.; SOUZA, L. M. Uso de aplicativos para dispositivos móveis no processo de educação em saúde: reflexos da contemporaneidade. *Revista Observatório*, Palmas, v. 4, n. 2, p. 338-358, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/267892547.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.

MARENGO, Livia Luize et al. Tecnologias móveis em saúde: reflexões sobre desenvolvimento, aplicações, legislação e ética. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 46, e37, 2022. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2022.v46/e37/pt/>. Acesso em: 15 out. 2025.

CARVALHO, Fernando Luís de Queiroz et al. Uso de Apps para a promoção dos cuidados à saúde. *Revista STAES / UNEB*, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/staes/article/view/3832>. Acesso em: 16 out. 2025.

CHAVES, Arlane Silva Carvalho et al. Uso de aplicativos para dispositivos móveis no processo de educação em saúde: reflexos da contemporaneidade. *Revista Humanidades & Inovação*, v. 5, n. 6, p. 35-48, 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/744>. Acesso em: 16 out. 2025.

ROCHA, Fernanda Suzart et al. Uso de apps para a promoção dos cuidados à saúde. In: SEMINÁRIO DE TECNOLOGIAS APLICADAS EM EDUCAÇÃO E SAÚDE, 3., 2017, Bahia. Anais [...]. Bahia: STAES / UNEB, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/staes/article/view/3832>. Acesso em: 16 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). mHealth: new horizons for health through mobile technologies: based on the findings of the second global survey on eHealth. Geneva: WHO, 2011. (Global Observatory for eHealth, v. 3). Disponível em: <https://www.afro.who.int/publications/mhealth-new-horizons-health-through-mobiletechnology>. Acesso em: 16 out. 2025